

'Governar é navegar em nevoeiro denso', diz FHC

Wilton Junior/AE

Presidente discursa sobre imprevisibilidade das crises econômicas e rejeita visão negativa da Alca

LUCIANA NUNES LEAL
e FELIPE WERNECK

RIO – Em discurso de uma hora no qual voltou a fazer um balanço dos oito anos de mandato, o presidente Fernando Henrique Cardoso disse ontem que governar é “navegar em um nevoeiro denso”, referindo-se à imprevisibilidade das crises econômicas. O presidente pregou o fortalecimento do Mercosul, defendeu a ajuda à Argentina e rejeitou a visão negativa das negociações sobre a Área de Livre Comércio das Américas (Alca) e com a União Européia. “É preciso abrir portas. Temos de ter atitude madura de defender nossos interesses, mas não ficar encaramujado com medo”, afirmou, em palestra na Escola Naval para os militares formandos do Curso de Altos Estudos.

Fernando Henrique evitou fazer críticas aos antecessores, mas considerou que a abertura comercial deveria ter sido mais lenta. “Não coube a mim nesses oito anos fazer qualquer abertura. Quando atuei nessa área foi para fechar um pouquinho, no caso dos automotivos”, ressaltou. Sem citar o presidente eleito, Luiz Inácio Lula da Silva, afirmou que, “ao falar do futuro, o governante terá de aceitar a regra-base de que será surpreendido por fatos inesperados”. A seguir, os principais trechos do discurso:

■ **Nevoeiro** – “Governar pode ser, e com frequência é, navegar em um nevoeiro denso. Quase todos os anos dos meus dois mandatos foram marcados por crises econômicas originadas em outros países (...).”

■ **Curto-circuito** – “Existe hoje no mundo apenas um pequeno fio desencapado que produz um curto-circuito que pode ter um efeito imenso. As mudanças eram concebidas a partir de fatos digamos hard. Agora, de fatos soft. Os fundamentos objetivos das economias às vezes são derrotados por uma expectativa bem manobrada que produz efeito que eu chamaria de curto-circuito e muda totalmente as condições de operação de um País.”

■ **Mercosul** – “Os resultados desmentiram as previsões catastrofistas, apesar das inegáveis dificuldades que há no Brasil.



Fernando Henrique, com Luiz Fernando e Maria, de quem ganhou um colar de havaiano: após deixar o governo, três meses em Paris

'TEMOS DE REFORÇAR O MERCOSUL', DEFENDE

Estamos até mesmo incomodando outros países em função da nossa capacidade de competição. Agora temos de reforçar nosso projeto fundamental que é o Mercosul (...). O Brasil tem de confirmar uma posição de compreensão das dificuldades dos nossos vizinhos. É importante manter um relacionamento positivo, mesmo quando eventualmente nos custe algo, é melhor incorrer neste custo do que incorrer no erro histórico de não dar sustentação a uma unidade entre os nossos vizinhos.”

■ **Argentina** – “Se não fizermos isso (*acordo automotivo*) a indústria argentina terá muitas dificuldades e não nos interessa ter um sócio em dificuldades permanentes (...). No mundo de hoje, o bem-estar de um não pode ser à custa do mal-estar de outro, sobretudo quando são sócios (...). Foi importante a decisão da Petrobrás de investir US\$ 1 bilhão na Argentina este ano.”

■ **Blocos comerciais** – “Negociações com o Mercosul, União Européia e Alca têm de ser tomadas não apenas como se fosse algo negativo. Há preocupações no modo como se vai fazer a negociação, mas é preciso abrir portas. Nosso setor produ-

tivo requer mercado e o mercado é dos países ricos. Quem vai comprar aço, avião, telefone celular? Temos de ter atitude madura de defender nossos interesses, mas não ficar encaramujado com medo.”

■ **Social** – “Devemos avançar. Claro que nada disso substitui também o esforço que tem sido feito e espero que o futuro governo continue nessa direção, na educação, na saúde, na reforma agrária, nos programas sociais (...). Não houve um crescimento do Produto Interno Bruto na velocidade que gostaríamos e, não obstante, houve melhoria acentuada nas áreas sociais (...). Ninguém resolve as questões sociais do dia para a noite. O caminho é lento, infelizmente.”

■ **Abertura** – “Existe ainda muita gente que acredita que o ideal de um país é ser mais fechado. Mas o fato é que hoje, queiramos ou não, é praticamente impossível ter uma economia fechada. Não há nenhuma. E as que são ainda fechadas não são porque queiram, são porque outros países não deixam que elas se abram. Cuba, por exemplo, cujo fechamento é consequência de uma imposição política. Claro que isso não quer dizer que os países não tenham que se defender (...). Somos uma das economias mais fechadas do mundo, ainda hoje.”